

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO: CONSIDERAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Keilane de Souza Pereira¹

Monic Dione de Andrade Souza²

Glaurea Nádia Borges de Oliveira³

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um relato construído a partir das experiências de uma das etapas do estágio do curso de Educação Física. Nesse contexto, foram observadas as aulas do componente curricular em uma escola pública localizada na cidade de Guanambi-BA. O objetivo do trabalho foi refletir acerca das situações presenciadas durante uma das fases do estágio de Educação Física. Para a coleta de informações que nos permitissem tecer algumas análises sobre essa realidade, utilizamos a observação não participante, realizamos conversas informais com o professor e com alguns alunos das turmas que acompanhamos. A constatação de que não havia uma intervenção docente de forma objetiva-intencional nas aulas de Educação Física, nos levou a compreender as aulas observadas como um fenômeno denominado de *não aula* e a condição do professor em relação ao seu trabalho como um estado de desinvestimento pedagógico. A partir disso, procuramos problematizar alguns dos possíveis fatores relacionados a essa situação. Também verificamos que, apesar de estarem submetidos a aulas caracterizadas pela ausência de intencionalidades pedagógicas, os alunos demonstraram interesse em adquirir conhecimentos por meio da Educação Física e tiveram um bom relacionamento com o professor. Diante desses elementos, concluímos que o estágio nos mostrou a importância não só de tentarmos compreender as razões pelas quais muitos professores de Educação Física desinvestem pedagogicamente de seu ofício, como também de refletirmos sobre o desinteresse dos sistemas de ensino, da gestão educacional e das próprias escolas nas aulas desse componente, responsável por um conhecimento a que os alunos têm direito.

Palavras-Chave: Desinvestimento Pedagógico. Educação Física Escolar. Estágio.

INTRODUÇÃO

O estágio é o campo de conhecimento que possibilita o desenvolvimento de aspectos indispensáveis à construção da identidade e dos saberes docentes. Segundo Souza *et al* (2007), o estágio é um momento em que o graduando pode observar as experiências de um professor, conhecendo melhor sua área de atuação, além de se situar e entender os acontecimentos, tirando deles as lições necessárias à sua formação.

¹Aluna do curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB/DEDC – Campus XII. E-mail: keilanesouza2012@hotmail.com

²Aluna do curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB/DEDC – Campus XII. E-mail: monicdione@hotmail.com

³Mestre em Educação pela PUC/SP. Professora Assistente do Curso de Educação Física da UNEB/DEDC – Campus XII. E-mail: gnoliveira@uneb.br

De acordo com Lima (2008), é necessário que o estagiário aprenda a exercitar um olhar pedagógico e atento para entender o que há de estranho nas coisas comuns da escola, pois, quando nos atentamos para o movimento da sala e seu cotidiano, podemos verificar o que não se aprende, o que se ensina, a interação entre os alunos, as possibilidades e contradições entre alunos e professores.

O presente trabalho foi construído no âmbito do componente curricular “A Escola como Espaço Reflexivo para Experiências Pedagógicas em Educação Física (Estágio III)”, do curso de licenciatura em Educação Física do Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nesse componente, os licenciados vão para as escolas municipais ou estaduais da cidade onde está situado o campus para conhecerem e observarem a dinâmica do dia-a-dia das aulas de um professor de Educação Física.

As observações das aulas foram realizadas em três turmas de 1º ano do ensino médio de uma escola pública situada na cidade de Guanambi-BA.

O objetivo deste trabalho foi refletir acerca das situações presenciadas durante uma das fases do estágio de Educação Física.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, utilizamos como instrumento de coleta de dados a observação não participante, definida por Mattos (2005) como aquela em que o investigador não interage de forma alguma com o objeto de estudo no momento em que realiza a observação. Esse tipo de técnica reduz substancialmente a interferência do observador no observado e permite o uso de instrumentos de registro sem influenciar o objeto do estudo. Foram observadas três turmas de 1º ano do ensino médio, durante o período de três semanas.

Realizamos também conversas informais com alguns alunos e com o professor, a fim de obtermos informações complementares que subsidiassem as análises a serem realizadas.

Os dados coletados foram anotados em registros reflexivos, um instrumento adotado pelos estagiários para relatarem as experiências vivenciadas no contexto do estágio e refletirem sobre elas. No processo de análise, esses registros foram retomados e lidos, de forma minuciosa, para que pudéssemos identificar os principais elementos que caracterizavam a realidade daquele contexto.

Tínhamos o intuito de analisar alguns documentos da escola, como o projeto político pedagógico da instituição e o plano de curso do componente, mas, infelizmente não foi possível ter acesso a esses documentos.

AS (NÃO) AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS IMPRESSÕES DOS ALUNOS

As aulas de Educação Física observadas durante o nosso período de estágio podem ser caracterizadas como uma *não aula*, já que o professor praticamente não as ministrava. Esse termo é adotado por Machado *et al* (2010) para descreverem uma condição em que não há o desenvolvimento da prática pedagógica por parte do professor, ou seja, não há uma intervenção docente de forma objetiva-intencional, privando os alunos da possibilidade de acesso à aprendizagem. Nesse sentido, ao identificarmos tal condição no contexto observado, percebemos que os alunos não tinham atividades específicas do componente, eles aproveitavam as aulas de Educação Física para realizar outras atividades, como, por exemplo, tarefas de outros componentes, e até mesmo para pintar as unhas, manusear celulares ou fazer algumas brincadeiras. Em seu estudo, Machado *et al* (2010, p. 133) analisaram essa situação reconhecendo que, muitas vezes, o espaço da aula de Educação Física “[...] pode confundir-se [...] com outros momentos nos quais os alunos simplesmente se divertem (recreio ou aula vaga), sem que haja qualquer diretividade do professor com intenções pedagógicas de aprendizagem”.

Alguns alunos nos relataram que tinham vontade de aprender alguma coisa sobre o componente e até nos pediram para fazer algo enquanto estávamos na instituição. Diante dessa situação, percebemos que apesar de gostarem de ficar sem aula, também sentiam a necessidade e a vontade de adquirir conhecimentos e realizar atividades por meio da Educação Física. Numa conversa com uma aluna de uma das turmas, ela nos perguntou o que era “Física”, não sabendo nem como se pronunciava corretamente o nome do componente. Nessa mesma conversa, ela ainda nos disse que achava que na “Física” faziam-se atividades físicas, que cuidava-se do corpo. Ao revelar uma visão bastante restrita acerca da Educação Física e do seu compromisso educacional, o relato dessa aluna ajuda a reiterar as nossas impressões de que, naquele contexto, a Educação parecia não estar assumindo a sua função pedagógica.

A escola observada só oferece a Educação Física no primeiro ano do Ensino Médio. Sendo assim, infelizmente, os alunos que nos relataram essas angústias não terão a oportunidade de compreender melhor a área e apreender a diversidade dos conteúdos que a compõem. No entanto, como estudantes de licenciatura, sabemos que a Educação Física possui um papel específico no processo de escolarização, que se concretiza pelo trato pedagógico e pela análise crítica das práticas da cultura corporal.

Apesar dessa *não aula*, os alunos tinham um bom relacionamento com o professor, pois ele era muito amigável e divertido com os discentes.

ANALISANDO UMA CONDIÇÃO DE DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Durante o estágio, em todas as turmas observadas, percebemos que, além de a Educação Física não exercer e não possuir um papel efetivo, o professor demonstrava ter abandonado qualquer responsabilidade relativa ao ensino do componente, o que conferia às suas aulas o caráter descrito anteriormente. Com base no estudo de Machado *et al* (2010), entendemos essa condição do docente como um estado de desinvestimento pedagógico, caracterizado pela escassez ou pela ausência de pretensões em relação à prática pedagógica, cujo resultado é a configuração do fenômeno denominado de *não aula*.

Uma das possíveis razões que pode ser vinculada a essa situação, embora, por si só, não a explique ou justifique, é o fato de o professor que ministrava as aulas de Educação Física não ser formado na área, mas sim em Biologia. Além disso, esse professor exerce a docência a mais de 20 anos e, nesse sentido, parecia um pouco desestimulado, talvez por já estar quase se aposentando. Ele chegou até a nos relatar que nós, como estagiárias, não aprenderíamos nada sobre o componente, pois, segundo suas próprias palavras, “a Educação Física já não existe mais, ela só existiu há alguns anos atrás”.

Outro argumento alegado pelo professor para justificar a sua postura é o de que a quadra não era coberta e a escola não tinha nenhum outro local apropriado para realizar as atividades, o que realmente constatamos como verdade. Essa situação, por sua vez, ao influenciar a falta de estímulo do professor, pode ser entendida como um não investimento nas aulas de Educação Física proveniente de outras esferas responsáveis pela educação pública.

A condição desse professor em relação ao seu próprio trabalho nos remete às considerações de Huberman (1995 *apud* Machado *et al* 2010, p. 132), para quem “[...]o professor atravessa uma fase de desinvestimento, presente nos períodos finais da carreira docente, na qual o trabalho perde centralidade em sua vida”. Diante do exposto, percebe-se que o professor permanece em seu posto de trabalho, mas abandona o compromisso com a docência.

Quando o professor diz que a Educação Física só existiu há alguns anos atrás, ele se refere à época em que a inserção da Educação Física na escola se deu pelo esforço da instituição militar. As aulas eram exclusivamente práticas e os alunos deveriam ser treinados com foco em sua aptidão física. Segundo o professor, “nessa época os alunos tinham postura ereta e eram mais fortes, mas hoje eles não sabem nem formar uma fila para pegarem merenda, ficam todos tortos e desengonçados; não aguentam ficar nem 15 minutos jogando bola no sol quente”.

Para ele, essa postura dos alunos é um absurdo. No entanto, é preciso considerar que o atual papel da Educação Física na escola não pode ser o treinamento dos alunos e seu melhoramento físico-biológico, mas, sim, a formação de cidadãos críticos capazes de entenderem a sociedade e intervirem sobre ela.

Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas [...]. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (SOARES *et al.*, 1992, p. 26).

O quadro aqui descrito nos leva a ponderar que a situação em que até então se encontra a Educação Física na escola onde realizamos uma das etapas do nosso estágio está associada a uma série de fatores complexos, que afetam tanto a ação do professor como a da própria instituição. O professor, por falta de oportunidades e motivação, deixa os alunos livres para jogarem bola, às vezes no sol quente, e enquanto isso aproveita para fazer outras coisas. A escola, ao ver essa realidade, parece não fazer nada para revertê-la.

Como afirmam Machado *et al* (2010, p. 144), muitos professores de Educação Física resumem as suas aulas à ação de observar os seus alunos na quadra enquanto estes realizam atividades que eles mesmos escolheram ou, então, aquelas que são possíveis devido ao tipo de equipamento e material existente, na maioria das vezes o futsal. Essas considerações ajudam a descrever e a caracterizar a situação das aulas que acompanhamos.

Por fim, além de tentarmos compreender as razões pelas quais muitos professores de Educação Física desinvestem pedagogicamente de seu ofício, há muito que se discutir, também, sobre o desinteresse dos sistemas de ensino, da gestão educacional e das próprias escolas nas aulas desse componente, para se tentar entender o porquê das *não aulas* de alguns professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões presentes neste trabalho, percebemos, como alunas do curso de Educação Física e futuras professoras, que precisamos nos preparar para enfrentar situações bastante desafiadoras em relação ao ensino desse componente curricular. E, apesar de todas as possíveis dificuldades, o interesse dos alunos por algo novo nas aulas de Educação Física é algo que nos motiva.

O estágio nessa instituição nos proporcionou grandes aprendizados, pois tivemos a oportunidade de “sentir na pele” um processo de desinvestimento pedagógico, além de vivenciarmos as *não aulas* de Educação Física, sobre as quais tanto se ouve falar. As observações que fizemos não nos trouxeram subsídios metodológicos para ministrar aulas, mas nos mostraram o que não devemos fazer, e que não será fácil mudar a visão da comunidade escolar sobre a Educação Física.

REFERÊNCIAS

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

MACHADO, Thiago da Silva *et al.* As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, abr./jun. 2010.

MATTOS, Pedro Lincon C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para a sua análise. **Revista Rap**, Rio de Janeiro v. 39, n. 4, p. 823- 847, Jul. / Ago. 2005.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Jânua *et al.* A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de educação física: uma visão docente e discente. **MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física**, Ipatinga, v. 2, n. 2, ago./dez. 2007.